

■ ROSÂNGELA BITTAR

Recados de Sua Excelência

Com a ressalva de que desta vez os recados do eleitor não estão tão claros como estavam em 1996, quando mandou dizer, mesmo sem o instituto da reeleição, que gostou de obras nas cidades e por isso queria a continuidade do trabalho dos prefeitos votando em seus candidatos, o cientista político Marcos Coimbra, diretor do Instituto Vox Populi, concluiu, sobre esta eleição presidencial: "Depois de tantos anos de frustrações e decepções, o eleitor parece ter resolvido preservar o pouco que julga ter, mesmo com a clara consciência de que está longe do ideal, do desejado e até do que esperava."

Esta teria sido a razão ou a principal delas para ter apoiado, em maioria, segundo a apuração até as 21 horas de ontem, a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. Um governo previsível, que não frustrou suas expectativas de uma maneira traumática e não se mostrou de uma incompetência abissal, mas também não resolveu os problemas de ninguém.

O voto, segundo a análise de Coimbra, teria sido desapassionado. Em outras palavras, o eleitor de 1998 foi um pragmático, e não viu razões para sair desta posição conservadora. O que, convenhamos, não é, para a vaidade, a ambição e o projeto do presidente Fernando Henrique Cardoso, uma mensagem animadora. Mesmo que venha realmente a ganhar no primeiro turno, conforme indicavam pesquisas de boca-de-urna.

Luiz Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes não foram exatamente o que se pode chamar de uma alternativa à manutenção das conquistas que o eleitor julgava estar já entre seus domínios. Lula, aparentemente relutando no início, acabou entrando na mais perdida eleição da sua história, antes até de começar a campanha.

Fez exatamente a candidatura que quis, das alianças ao discurso. E viu-se que, passados quatro anos, com um país diferente e um eleitor claramente mais consciente da importância do seu voto, o candidato não havia mudado nada. Falou as mesmas coisas, fez as mesmas promessas e as mesmas críticas com a mesma veemência. Passou a sensação de que representava seu papel de sempre.

Tarso Genro e Cristovam Buarque, nomes do PT capazes de levar o partido às eleições de 1998 com um projeto presidencial diferente daquele que foi derrotado por duas eleições, sucumbiram à força dos que lutaram pelo *status quo* no partido. Da militância aos líderes da corrente articulação. E foram tratar de suas vidas: um, trabalhando na campanha de Lula, o outro conduzindo sua própria candidatura à reeleição ao governo de Brasília.

Para a vaidade, a ambição e o projeto do presidente Fernando Henrique Cardoso, o eleitor não mandou uma mensagem animadora

O PT não quis perder agora já ganhando tempo para 2002, o que poderia ter acontecido se tivesse exposto um novo líder, que apresentasse um projeto denso para o país e soubesse usar uma eleição importante como esta como plataforma de lançamentos para o futuro.

"O partido fez uma escolha equivocada de lançar para uma terceira derrota alguém que podia ter outro papel", comenta Marcos Coimbra. Lula não teve experiência executiva, não gostou da vida parlamentar, não passou os últimos quatro anos trabalhando em conjunto com os governadores e prefeitos ou os parlamentares do partido. Não se sabe o que será de sua carreira agora, como não se sabia o que fez e pensou nos momentos em que não estava em campanha eleitoral.

Esta terá sido, provavelmente, a razão de ter conseguido este ano a mesma votação de eleições anteriores, talvez até encerrando compulsoriamente um ciclo no PT.

Ficou claro também que, apesar de ter recebido número expressivo de votos – dois ou três pontos percentuais a mais que o fenômeno Enéas na eleição de 1994, segundo as pesquisas de boca-de-urna –, Ciro Gomes não teve o desempenho que ele próprio esperava, e terá seu futuro projetado pelo que conseguirá fazer com esta votação.

Desempenho este que, na dimensão com que se apresentava nos debates entre líderes partidários, até justificava, do ponto de vista político, a impaciência do ex-governador, que o levou a sair do PSDB para se aventurar numa candidatura de si próprio, apoiado por um partido nanico. Na avaliação de um grupo de tucanos, Ciro não daria este claro *by pass* no seu padrinho político, Tasso Jereissati, que fatalmente teria a preferência do PSDB, na hora e na vez, para a candidatura presidencial, se não tivesse certeza de melhores resultados.

O perfil do voto em Ciro ainda não foi feito. Pelas últimas pesquisas qualitativas, entretanto, é possível dizer que ele reuniu, além dos cearenses, que o conheciam bem, um forte apoio na área universitária e dos que rejeitavam Fernando Henrique e Lula e não tinham para onde correr.

"O eleitorado de Ciro Gomes buscou uma expressão diferente, nem o antigo de um lado, nem o antigo do outro, mas não deu certo. Ele não conseguiu criar condições para atuar", analisa Marcos Coimbra.

Esta foi uma evidência tão gritante que, no seu momento ideal ao longo do ano, quando Fernando Henrique sofreu uma queda vertiginosa na preferência do eleitorado, Ciro não estava ali para receber esta imensa deserção, pois ainda não era uma alternativa. Os votos foram para Lula, criando-se a polarização que acabou sendo fatal para sua candidatura. A falta de expressão, então, causou o desinteresse da mídia, e o candidato passou a cumprir uma agenda de varejo até voltar, no final, a concentrar-se no Ceará, para não perder os votos que lhe eram garantidos desde o início.